



O Candeeiro

Mulheres do Tiracanga: força que mobiliza a comunidade

Ao longe já se escuta o som de uma bateria forte e livre, uma zabumba alegre, um triângulo tinindo e uma voz menina que cantava festiva a Asa Branca. Clássico na voz de Gonzagão, Brasil a fora, conta o cotidiano do sertão nordestino e de Canindé também, de onde aqueles agricultores e a agricultora transformam a realidade de Tiracanga em melodia.

Assim receberam a equipe do Esplar no assentamento Tiracanga, enchendo a Casa de Cultura (Ponto de Cultura pelo incentivo do Ministério da Cultura) de música e afetividade. O equipamento comunitário foi a conquista de um grupo de mulheres e demais pessoas do assentamento que buscam inquietas pelo que querem, precisam e têm direito, aproveitando todas as oportunidades, assim como benefícios do poder público.

Conta Antonieta Santana, líder comunitária, que a história do grupo de mulheres está diretamente ligada à da Casa de Cultura. Começou no ano 2000, quando pensaram numa melhor organização das reuniões de mulheres do assentamento. “A gente sabe que um grupo facilita mais da gente adquirir algo pra família do que o individualismo. Então, a gente começou as reuniões, a organização, discussão”. Resolveram fazer, por conta e mãos próprias, um roçado comunitário. Um vizinho mais próximo cedeu 1 hectare de terra. Nesse ano foi um inverno muito forte e deu pouco feijão, menos de 30 quilos colhidos, porque a terra se transformara em lama, já

o milho, deu 16 sacas de 60 quilos. Dividiram a colheita e decidiram também criar galinha caipira.

Os maridos ficaram ressabiados, “mangando” da carreira que as mulheres davam para arar a terra, mas elas só queriam saber de plantar e colher “pra nós, se um pé de milho vingar e nascer é o que interessa!”. Para ajudar no arado, solicitaram o trator da prefeitura de Canindé por uma hora, e para pagar, fizeram uma coleta entre as mulheres.

Depois, se juntaram ao STTR (Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) de Canindé, participavam das reuniões do Esplar, da CPT (Comissão Pastoral da Terra), tentaram, na época, implementar no assentamento a apicultura, com as abelhas jandairas, mas o período foi de seca e não deu certo.

Com o olhar cada vez mais atencioso à comunidade, o



As mulheres do grupo: Joana, costureira; Antonieta, líder de mulheres (acima), Maria Salvino, Francisca e Leidiane (abaixo).



Agricultores do assentamento recebem com música quem chega no salão da Casa de Cultura

grupo de mulheres, então, se aproximou do grupo de jovens, que fazia catequese a dava aulas de catecismo também. “Vamos juntar, quanto mais junto, melhor”, observa Antonieta. Conversando, resolveram, jovens e mulheres, escrever um projeto para o Edital dos Pontos de Cultura, para realizar o sonho dos jovens do assentamento. Em 2007 foi aprovado, mas tiveram que cobrar do poder público a concretização da Casa de Cultura, até que, em 2009, começou a tomar forma e os dois grupos tomarem conta.

Para movimentar o Ponto de Cultura, as mulheres, agricultoras e multiplicadoras agroecológicas, tomaram a iniciativa de fazer uma oficina de derivados do Nim, “para as mulheres se envolverem com a cultura, em vez de poesia, música, vamos fazer algo que gere renda pra gente?” questionava as mulheres, de acordo com Antonieta.

A primeira oficina, com a CPT, fizeram os cosméticos e venderam todos, “pra nós a alegria não foi nem só a venda, foi que as pessoas quando compravam, queriam mais”. Com os materiais e ingredientes que a CPT deixou no assentamento, fizeram outra oficina, por e para elas mesmas. Mais uma vez, venderam tudo. A terceira oficina, o Esplar assessorou e auxiliou nos custos da compra do material para os cosméticos. Sucesso novamente. Com o dinheiro da venda, tiveram que comprar ração para as galinhas de criação, porque o ano era de seca, e assim, não continuaram a produção do Nim. Este ano, fizeram 417 produtos, com dinheiro da Secult (Secretaria de Cultura do Estado), e têm até os kits de Natal para as festas de fim de ano. Depois que venderem tudo novamente, prestarem contas ao financiador, querem comprar mais material e assim, continuam a vender os produtos do Nim.

“A gente tem um sonho, tem a coragem, mas nos falta é apoio, do governo municipal mesmo. A gente espera que o próximo governante veja nossas pessoas, porque a gente não quer chegar lá pedindo nada, a gente quer cobrar o direito que a gente tem.” Fala Antonieta do sonho de voltar a morar na comunidade, trabalhar integralmente com o grupo de mulheres, pois a maior parte de sua renda ainda é fora de casa, no STTR de Canindé.

Mulheres e jovens se reúnem de forma autônoma da Casa de Cultura, cada um com seus projetos, e próxima meta é aumentar a Casa para ter uma salinha de reuniões, oficinas e vendas para as mulheres, e quadra coberta para o grupo de dança dos jovens. Sabem que, com a forte organização que o Tircanga tem, conseguirão chegar à geração de renda comunitária por seu próprio mérito, conquistar a autonomia, a melhoria de vida que toda a gente do Semiárido necessita urgentemente. Mas aos pouquinhos, como os sete anos que esperaram pela construção da Casa de Cultura, podem reafirmar sempre que “não é o peixe que queremos, é o anzol pra pescar que precisamos”, reflete Antonieta.



A Casa de Cultura do Tircanga: conquista das mulheres e dos jovens mostra a força comunitária



O jovem músico Edwagner no ateliê de dança do grupo de jovens

Realização:

Apoio:



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

